

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do*

Class.:

Data: *20.02.90*

Pg.:

A Amazônia, um marechal e um bispo

SÍLVIO MEIRA

PROFESSOR DE DIREITO, HISTORIADOR E ESCRITOR

O Marechal Cândido Rondon, o admirável indianista brasileiro, referindo-se ao confronto entre brancos e silvícolas, cunhou uma frase célebre e que bem revela a grandeza de sua alma: "Morrer, se necessário; matar nunca".

Rondon era um soldado. Foi aluno dileto de Benjamin Constant e a seu convite lecionou Matemática e Astronomia na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Quando o Presidente Teodoro Roosevelt, em 1912, visitou o Brasil, Rondon já no posto de coronel, acompanhou-o em sua perigosa excursão pelas selvas, na região hoje denominada Rondônia, em sua homenagem. Percorreu com o ex-presidente americano o rio da Dúvida, repleto de índios, atualmente denominado rio Roosevelt. Daí surgiu o livro "Pelos sertões do Brasil", de autoria do estadista americano-do-norte.

Toda a vida de Rondon foi uma dedicação permanente à sua pátria, aos seus irmãos indígenas, especialmente nas zonas geográficas dos rios Xingu, Tapajós, Madeira e Purus, descendo até a fronteira com o Paraguai.

Percorreu áreas inóspitas, construiu redes telegráficas a fim de facilitar as comunicações interioranas, pacificou tribos aborígenes, levantou coordenadas geográficas e astronômicas. É de sua autoria o levantamento geográfico de Mato Grosso.

Foi diretor de Engenharia do Exército, chefe da Inspeção de Fronteiras, delegado do Brasil (1934 a 1938) na questão de Letícia, primeiro diretor-geral do Serviço de Proteção aos Índios, a partir de 1910; presidente do Conselho de Proteção aos Índios, de 1939 até 1958, quando faleceu, a 20 de janeiro. O Congresso deu-lhe a patente de Marechal.

Se Rondon vivesse nos dias atuais e tivesse de executar o seu plano de pacificação dos aborígenes, lançamento de redes telegráficas, assistência ao selvagem e sua integração ao Brasil, seria combatido, perseguido e talvez punido. E a Nação Brasileira pararia no tempo. Teria o seu progresso estancado, para alegria das nações imperialistas que isso desejam: o Brasil estagnado, endividado, submisso, colonizado cultural e economicamente. E os selvagens isolados da civilização.

Repetimos: Rondon era um soldado. Vestia farda. Preferia morrer a exterminar um silvícola. Não andava com os evangelhos nas mãos, pregando para as multidões, e angariando díizimos. Lemos agora no excelente livro "Sangue Nas Pedras", Edições Paulinas (1979), de autoria do antigo Bispo do Xingu, de nacionalidade austríaca, D. Eurico Krauter, às páginas 180: "Por ocasião de uma conferência com o Governador do Estado do Pará, defendera a opinião de que os índios deviam possuir armas, para que tivessem maiores facilidades para arranjar comida. "Destá maneira, os seringueiros ficariam expostos a um perigo ainda

maior!" afirmara então o governador. Ao que eu retrucara até com certa veemência: "Ao contrário, assim diminuiria a tentação de atacar o branco. O índio sabe que atacando também coloca em jogo sua própria vida. Ele necessita da arma de fogo. Em primeiro lugar, para a caça. E, às vezes, também para se defender dos ataques dos brancos. É necessário que se conceda esse direito mesmo aos habitantes mais primitivos!"

Eis aí duas posturas que exigem profunda meditação.

Não desejamos, de forma alguma, subestimar a conduta e a personalidade admirável do falecido D. Eurico, o velho Bispo da Prelazia do Xingu, para a qual foi nomeado pelo Papa Paulo VI, a 26 de abril de 1971. A vida de D. Eurico Krauter é de uma dedicação permanente à sua missão. Filho de Feldkirch, na Áustria, ali realizou os primeiros estudos, passando depois para a Sorbonne, em Paris, e às universidades de Viena, Roma e Salzburgo. Abandonou o curso de Medicina para dedicar-se à Teologia. Ingressou na Congregação dos Missionários do Sangue de Cristo, com provincialato em Salzburgo e Trausntein, na Áustria. Daí por diante a sua nobre missão é repleta de lances heróicos, em plena selva amazônica, na região onde se situa atualmente o município de S. Felix do Xingu. Suas experiências estão retratadas nos livros "Sangue nas Pedras", "Sepultado na mata virgem", "Melodia do Xingu", "A estepe treme" e "A moringa quebrada". Como católico e brasileiro, temos pela figura e pela obra de D. Eurico a maior admiração e respeito. Abandonou tudo no Velho Mundo, na civilizada Europa, para sofrer nas selvas com seus irmãos índios, no exercício de uma vocação irresistível. O Posto Missionário transformou-se depois em município, unidade política integrada ao Estado do Pará. D. Eurico realizou a tarefa de apaziguar aborígenes e em seu programa havia tópicos que merecem ser ressaltados: "É necessário ensinar o português aos índios para que eles possam se integrar à população do Brasil e não se tornem vítimas de exploradores devido à sua ignorância da língua" (Letra F, ob. cit. p 182). Trata-se de um vasto programa da autoria de D. Eurico, constante de dez alíneas, de A a J. Na letra G sugere a instalação de unidades policiais nos diversos postos indígenas; na letra I afirma que "As condições de vida dos castanheiros e seringueiros devem ser radicalmente melhoradas".

Por falta de espaço não podemos alongar-nos no exame das sugestões desse digno Prelado, que sacrificou sua vida na selva.

As idéias constantes deste artigo merecem meditação por parte dos dirigentes desta Nação, que em nome de uma suposta proteção a tribos indígenas de Roraima cometem atos censuráveis contra quarenta mil garimpeiros, que não têm mais para quem apelar. Nem mesmo para o Bispo.

Milhares de brasileiros estão isolados na selva de Roraima, sem transporte, morrendo de fome — vítimas de uma campanha inconseqüente e brutal.

Oh, Pátria ingrata!